

CAPÍTULO 9

UMA CRÍTICA À RELIGIOSIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



<https://doi.org/10.22533/at.ed.289112507039>

Data de aceite: 16/09/2025

Ana Lúcia Alves Araújo Souza

Graduada em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.
É docente na rede privada de ensino na cidade de Rio Largo – AL.

RESUMO - O presente artigo procura explicar o conceito, a origem e a importância da religiosidade na vida das pessoas, mostrando que esta vai além das crenças em divindades; ela é uma necessidade espiritual, um conforto para as tragédias da vida, como também respostas para muitas questões inalcançadas pela ciência. O texto também mostra as inúmeras críticas de filósofos que entendem a religião como algo fantasioso e cheio de superstições, sendo uma fuga para os problemas sociais e um alento para o medo da morte. Mostra ainda o quanto que as religiões vêm se multiplicando e flexibilizando suas doutrinas ao longo do tempo, ou seja, sendo mais “liverais”, se adequando aos tempos atuais, mostrando um Deus menos juiz e mais amoroso.

Palavras-chave: Deus. Religião. Humanos. Sociedade. Fé.

A CRITICISM OF RELIGIOSITY IN THE CONTEMPORARY WORLD

ABSTRACT - This article seeks to explain the concept, origin and importance of religiosity in people's lives, showing that it goes beyond beliefs in deities; it is a spiritual necessity, a comfort to the tragedies of life, as well as answers to many questions unreached by science. The text also shows the innumerable criticisms of philosophers who view religion as fanciful and superstitious, an escape from social problems and an encouragement for the fear of death. It also shows how religions have been multiplying and flexibilizing their doctrines over time, that is, being more “liberal”, adapting to the present times, showing a God less judge and more loving.

Keywords: God. Religion. Humans. Society. Faith.

INTRODUÇÃO

É impressionante o quanto o tema religião é polêmico nos dias atuais, basta propor um debate em sala de aula, por exemplo, que as discussões parecem não

ter fim, são inúmeras opiniões, inúmeras verdades, sem falar que mexe com o emocional das pessoas, e o curioso é que os que se denominam ateus são os que mais participam dos debates. Dificilmente se chega a um denominador comum, pois é um assunto que trata do sobrenatural, de afirmações sem provas, é a subjetividade da fé que faz com que cada pessoa, cada grupo, ou denominação religiosa tenha a sua “verdade”.

A própria Bíblia Sagrada é alvo de diversas interpretações, sendo assim um “prato cheio” para ateus, filósofos, cientistas e curiosos que duvidam de certas crenças, querendo argumentos mais plausíveis, buscando a objetividade de um Deus tão falado, tão presente na vida da humanidade a séculos. Quando esses estudiosos não encontram as provas necessárias para a existência de afirmações como: Deus, céu, inferno, salvação, eles argumentam sobre os motivos pelos quais a sociedade a necessita ter fé e participar de uma denominação religiosa.

Mas a Bíblia Sagrada é tão antiga, o projeto de salvação, na pessoa de Jesus Cristo já tem mais de dois mil anos, muita coisa mudou, será que a humanidade ainda necessita dessa fé? Será que mesmo com toda modernidade científica as pessoas ainda creem no sobrenatural? Houve mudanças ao longo do tempo na maneira das pessoas viverem suas doutrinas? Tudo isso vai ser explanado ao longo do texto.

A RELIGIOSIDADE E A EXPERIÊNCIA DO SAGRADO

Entende-se por religiosidade os inúmeros aspectos da atividade religiosa; a religião por sua vez é conceituada, a grosso modo, como uma ligação ou reunião entre o natural e o sobrenatural, os seres humanos e o divino, o que leva a uma forte tendência às coisas sagradas. No entanto, qual a finalidade da religião? De onde ela surgiu? O que é o sagrado?

A dimensão religiosa está presente na vida de todos os seres humanos, até mesmo daqueles considerados ateus, por se tratar de uma concepção cultural que envolve a todos, essa dimensão leva a uma conexão com o universo numa ideia de totalidade com a existência. Ao observar o mundo, as pessoas reconhecem que existe uma realidade que independe da ação humana, levando a crença em poderes superiores, surgindo assim a fé em divindades. Essa ideia relembraria alguns termos similares a esse pensamento como: mitos e lendas, uma vez que a falta de conhecimento científico de outrora levou a humanidade a explicar alguns fenômenos da natureza como algo sobrenatural, carregado de crenças em ações divinas.

Existe também uma grande necessidade em compreender algumas fatalidades da vida como: a morte, as doenças, o sofrimento e as injustiças, como também há uma curiosidade a respeito da imortalidade da alma, da vida após a morte, em fim, sendo a espécie humana a única racional, é também a única que tem consciência que vai morrer, parafraseando Heidegger: o homem é um ser para a morte. Essa consciência causa angústia e urgência em encontrar respostas para tamanha tragédia. Uma grande solução

então seria a crença na vida após a morte que é definida no núcleo da religiosidade, expressa na experiência do sagrado. Marilena Chaui escreve uma definição bem didática do que é o sagrado:

O sagrado é a experiência da presença de uma potência sobrenatural que habita algum ser – planta, animal, humano, coisas, ventos, águas, fogo. Essa potência é tanto um poder que pertence a determinado ser quanto algo que ele pode possuir e perder, não ter e adquirir. O sagrado é a experiência simbólica da diferença entre os seres, da superioridade e do poder de alguns sobre outros – sentidos como espantosos, misteriosos, desejados e temidos. A sacralidade introduz uma ruptura entre natural e sobrenatural, mesmo que os seres sagrados sejam naturais (fogo, água, ar): é sobrenatural a força ou a potência para realizar aquilo que os humanos julgam impossível contando apenas com a força e a capacidade humanas. (CHAUI, 2016, p. 226-227).

No cristianismo, a religião é fundamentada entre a união do céu e da terra, quando no Novo Testamento, há o episódio do apostolo Simão, que passa a ser chamado por Pedro (em latim, *Petrus*) para simbolizar a pedra sobre a qual é fundada a Igreja cristã. Jesus disse a Pedro: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino: o que *ligares* na Terra será *ligado* no Céu, o que *desligares* na Terra será *desligado* no Céu”.

Dessa forma, podemos observar que apesar de toda uma construção racional aos conceitos do que vem a ser a religião e sua importância, suas explicações não estão direcionadas ao intelecto das pessoas, mas a algo emocional, enraizado na fé; esta fé leva os fiéis a não questionar, tendo um comportamento de temor e obediência, acreditar no seu deus (ou deuses), tendo em seu interior a esperança e a confiança de que todas as suas dúvidas serão sanadas e todos os seus problemas serão resolvidos.

A FILOSOFIA E AS CRÍTICAS À RELIGIÃO

No que se refere aos mistérios da morte, as religiões sempre a atribui como castigo divino, ou seja, a humanidade cometeu alguma falta e por isso foi condenada a mortalidade, é o que a historia de Adão e Eva confirma na Bíblia Sagrada, mais especificamente no livro de Gênesis, onde o casal viveria a eternidade felizes no Jardim do Éden, porém, ambos desobedeceram a Deus, comendo do fruto proibido e por isso foram condenados a uma vida sofrida seguida de morte. Por isso Santo Agostinho afirma que os males físicos, como doenças e morte, são consequências do pecado original, quer dizer, aquele que marcou a natureza humana, que poluiu para sempre toda a descendência, representado pela soberba de Adão e Eva.

Depois do pecado original, Agostinho afirma que a humanidade passou a necessitar da graça divina, essa graça seria um ato de amor de Deus pelo seu povo, por meio da salvação. Nas religiões cristãs, o perdão pelas faltas cometidas se encontra no “*Messias*”, o enviado de Deus ao mundo como remissão dos pecados da humanidade. Por isso,

a condenação divina não é algo implacável, pois, as pessoas podem conquistar a vida eterna, no céu, desde que na terra, respeitem a vontade e as leis divinas.

Mas, se Deus é onipotente e onisciente, por que permitiu que o pecado entrasse no mundo? Deus criou todas as coisas, isso significa dizer que ele também criou o mal? Como o perfeito criaria o imperfeito? Qual a origem do mal? É a liberdade dada ao homem que o faz se corromper e por isso o mal entra no mundo. Santo Agostinho chama de livre-arbítrio, a liberdade de escolha dada por Deus aos seres humanos, uma vez que essa liberdade é utilizada de forma incorreta, as pessoas se desviam dos bens espirituais, se aproximando dos bens materiais, causando o mal moral, ou seja, o pecado humano.

É notório assim o esforço de Santo Agostinho em sanar as duvidas e afirmar a fé cristã, porém outros filósofos carregaram consigo concepções que em nada afirmam a legitimidade das religiões. Epicuro, por exemplo, afirmava que a religião é repleta de fábulas e ilusões, sendo meras superstições de um povo amedrontado pela morte; Espinosa também dá continuidade a essa crítica, dizendo que os humanos têm medo das tragédias da vida e não acreditam ter a capacidade de solucioná-las, por isso necessitam da religião, de uma divindade, para evitar os males e atrair os bens. Karl Marx é responsável por uma crítica ainda mais acirrada, pois ele diz que a religião distancia a humanidade das injustiças sociais, por que uma vez que se acredita numa promessa de recompensa eterna pelos sofrimentos terrenos, as pessoas entram em conformidade e não resistem à opressão.

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ainda não se conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acocorado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião [...] é a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e do protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo. (MARX, 2010, p. 145).

Marx assim deixa claro que os homens não compreendendo inteiramente sua própria história, acabam criando deuses e forças divinas distintas de si mesmos, para colocar nestes deuses a responsabilidade por valores e normas, que na verdade são criações sociais, ou seja, criações do próprio homem, que sendo ambicioso, egoísta, individualista, opprime e aprisiona, causando o sofrimento dos seus próprios semelhantes.

Ao analisar a própria história da filosofia, em especial o surgimento dela, é possível compreender em linhas gerais suas críticas à religião. A filosofia surge como uma necessidade dos filósofos pré-socráticos em entender o mundo pelo víeis da razão, ou seja, o conhecimento mítico não supria a curiosidade dos filósofos que investigavam a natureza;

as lendas e crenças no sobrenatural não respondiam de forma concreta os questionamentos dos primeiros pensadores, pois eles entendiam que este tipo de conhecimento era cheio de encantamento e superstição.

Seguindo essa linha de pensamento, será que o sociólogo Max Weber, tem razão ao afirmar que existe hoje um “desencantamento do mundo”? Ou seja, o avanço científico dos tempos modernos, leva a perda do pensamento mítico e religioso e a consolidação da ciência como explicação soberana da realidade?

Na verdade o que de fato existe é um duelo entre fé e razão, pois aquele que é cientista, ou seja, aquele que é estudioso, pesquisador, sedento de novos conhecimentos não se contenta com afirmações dogmáticas, pelo contrário ele quer questionar a realidade, testar e experimentar suas pesquisas, não existe conformismo, mais sim um trabalho árduo na criação de novos conceitos, um grande exemplo disto é o método socrático da “maiêutica”, como a ação de parir ideias, nunca se achando sábio, e sim um eterno aprendiz.

O PAPEL DAS RELIGIÕES NA CONJUNTURA CONTEMPORÂNEA

Por mais que se viva num mundo moderno, repleto de inovações tecnológicas e descobertas científicas, ainda existem muitos mistérios não desvendados, muitas perguntas sem respostas, muitas doenças sem cura; existe também uma humanidade “doente”, carente emocionalmente. A realidade atual é um cenário de pessoas frias, competitivas, sem empatia, sem amor, isoladas e na pior das hipóteses, violentas. A proposta das religiões hoje é um paliativo para esses males, a cura e a libertação da alma e também um caminho para a prosperidade.

O Brasil, por exemplo, é um país moderno, pois a estrutura social é tipicamente racional, burocrática, própria de uma civilização capitalista, porém muitas religiões de caráter mágico vêm experimentando grande sucesso, pois estas servem de amparo, de auxílio, de solução e esperança para um povo que vive numa realidade social precária na saúde, na educação, no emprego, na segurança e moradia, ou seja, numa perspectiva marxista, a religião é o ópio de um povo que vive uma situação sofrida, ou por questões econômicas ou por questões psicológicas, ela serve como anestésico para uma triste realidade.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve uma mudança no percentual dos grupos religiosos brasileiros, comparando com Censo de 2000 com o Censo do ano de 2010, o número de fieis da Igreja Católica Apostólica Romana diminuiu, havendo assim um crescimento de fiéis protestantes. Que fatos podem ser utilizados para justificar essa mudança no percentual?

Na verdade, apesar da necessidade religiosa ainda ser uma urgência social, esta sociedade é construída atualmente por pessoas mais esclarecidas, críticas e racionais, portanto, para conquistar os fiéis, as religiões utilizam de inúmeras ferramentas, necessitando serem criativas. A religião católica continua sendo majoritária, porém os protestantes são

incansáveis no trabalho de aumentar seus números, investindo em músicas gospel, em programações televisivas, representações políticas, apelo midiático de pessoas famosas, promessas de prosperidade e um discurso moral mais flexível, como é o caso da cantora gospel Priscilla Alcantara, que influencia uma grande parte dos jovens evangélicos.

Para ela, a religião sobrecarrega e opõe as pessoas, e o homem muitas vezes esquece que a cruz tornou todos os seres livres da escravidão. Esse é o foco da cantora, ajudar as pessoas que sofrem de alguma forma com a religião e trazer uma nova esperança para elas. Quando questionada sobre os evangélicos que criticam suas declarações, a youtuber afirmou que não se importa, não prega religião e sim o amor de Deus, a intimidade com Jesus Cristo e o amor ao próximo¹.

Essa linha de raciocínio da jovem cantora apresenta um Deus amoroso e não um Deus que castiga, ela busca atrair fieis não por uma obrigatoriedade religiosa, mas sim por uma conquista emocional e psicológica, para que aceitem a um Deus que não julga e sim que ama. Assim como Priscilla, vários outros pregadores tem esse posicionamento mais democrático, como também, inúmeras outras igrejas já foram fundadas com a proposta de quebrar regras que limitam as pessoas, como por exemplo: as vestimentas, o divórcio, o sexo antes do casamento, até mesmo relações homoafetivas.

O mundo mudou e essas mudanças fazem com que a vida religiosa seja menos fundamentalista e mais adequada às necessidades do ser humano contemporâneo, o que é um paradoxo, pois, a vida espiritual deve se basear na vontade dos homens ou na vontade de Deus? Na verdade existem inúmeras interpretações dos textos sagrados, cada grupo, cada cultura, o entende da maneira como o convém, de acordo com suas necessidades e vivências culturais.

CONCLUSÃO

Segundo o filósofo René Descartes, cada ser humano é composto de duas substâncias: a material que é o corpo e a imaterial que é a alma; a alma humana possui algo que a difere dos outros seres vivos: a racionalidade; é ela, a racionalidade, que faz com que a humanidade “domine” o mundo, criando formas de cuidar bem do corpo, ter qualidade de vida e ser feliz. Porém, a ideia de uma vida acabada, mortal, não satisfaz o intelecto humano, necessitando criar elementos que possibilite uma vida eterna.

Nessa perspectiva surgem as crenças, a religiosidade, que serve como ponte de encontro entre o mundo material e o mundo espiritual. No entanto, essa vivência de fé é complexa, pois há nela muitas críticas em seus fundamentos, há nela uma pluralidade de conceitos e valores que variam de acordo com cada sociedade. As religiões, que a princípio trata de algo tão absoluto como a existência de Deus, terminam se ramificando no relativismo, onde a cada dia surgem denominações e pensamentos religiosos diferentes

¹ (<https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2017/05/priscilla-alcantara-diz-que-ajuda-pessoas-sobre-carregadas-pela-religiao-001692029.html>). Acesso em 23 de junho de 2019).

e com objetivos diferentes. A proposta religiosa atualmente perdeu seu foco, existe hoje a comercialização da fé, os interesses políticos, a ambição tanto econômica quanto de fama e sucesso de muitos pregadores e profetas.

Para muitos pregadores, o texto que fala de uma vida digna, honesta, de caridade e amor ao próximo, deixou de ser um ensinamento divino, passando a ser apenas palavras bonitas que servem para sensibilizar e conquistar as pessoas; a realização pessoal de cada um se torna mais forte do que os preceitos divinos.

Em meio a essa complexidade temporal e cultural que envolve as religiões, o mais coerente é se firmar no comportamento moral de amor ao próximo, esse sim é o mais seguro; o ser humano evoluído espiritualmente é aquele que ama e respeita todas essas diferenças, praticando a empatia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, (1981) 1989.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2016.

DIMENSTEIN, Gilberto; RODRIGUES, Marta M. Assumpção; GIANANTI, Alvaro Cesar. **Dez lições de sociologia para um Brasil cidadão**. São Paulo: FTD, 2008.

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2017/05/priscilla-alcantara-diz-que-ajuda-pessoas-sobre-carregadas-pela-religiao-001692029.html>. Acesso em 23 de junho de 2019.

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>. Acesso em 24 de junho de 2019.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia dom direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultura, 2004. Livros VII e VIII. (Os pensadores).